



AS REALIZAÇÕES DE DATIVOS NO PORTUGUÊS ESCRITO EM TERESINA: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Francisca da Cruz Rodrigues Pessoa (FSJ)¹
franrodriguespessoa@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar, em cartas pessoais, a variação entre as realizações clíticas e não clíticas de dativo. Para a constituição do corpus, utilizamos 360 cartas escritas por estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, extraídas do Banco de Dados do Projeto Escrita Teresinense da Universidade Federal de Minas Gerais (PESSOA, em andamento). De cada série, trabalhamos com amostra de cartas de 120 informantes, sessenta da escola pública e sessenta da escola privada. As variáveis linguísticas observadas foram: a realização do objeto direto, a realização do sujeito, a pessoa, o tipo de verbo, a estrutura do DP objeto direto e o tipo de preposição. Já as variáveis extralinguísticas observadas foram: grupo social, sexo, escolaridade e idade. Utilizamos como ferramenta estatística para o tratamento da regra variável o Programa Goldvarb (2001). O problema a ser investigado é verificar se as generalizações obtidas sobre uso de dativos na amostra de entrevistas com informantes teresinenses (PESSOA, 2017) são adequadas para descrever e explicar os dativos analisados em cartas de estudantes da mesma cidade. As generalizações a serem testadas são: há um uso mais frequente de variante clítica do que da variante não clítica. O fator pessoa é significativo, sendo a variante clítica favorecida pela primeira pessoa no Português brasileiro escrito. Uma nova hipótese, a ser testada, é se a modalidade (oral ou escrita) é um fator significativo. O presente estudo assume os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV [1972], 2008; 1994). A noção de comunidade de fala é a de Guy (1988). Os resultados desse estudo permitiram confirmar as hipóteses testadas e, desse modo, contribuir para ampliar nosso conhecimento sobre textos escritos produzidos por estudantes nascidos na cidade de Teresina (Piauí).

PALAVRAS-CHAVE: Dativo. Objeto indireto. Variação linguística. Cartas pessoais.

ABSTRACT: This paper aims to describe and analyze, in personal letters, the variation between clitic and nonclitic dative achievements. For the constitution of the corpus, we used 360 letters written by students of the final grades of Elementary and High School, extracted from the Teresinense Writing Project Database of the Federal University of Minas Gerais (PESSOA, in progress). From each grade, we worked with a sample of letters from 120 informants, sixty from the public school and sixty from the private school. The linguistic variables observed were: the realization of the direct object, the realization of the subject, the person, the verb type, the structure of the direct object DP and the type of preposition. The extralinguistic variables observed were: social group, gender, education and age. We used as a statistical tool for the treatment of the variable rule the Goldvarb Program (2001). The problem to be investigated is to verify if the generalizations obtained about dative use in the sample of interviews with Teresian informants (PESSOA, 2017) are adequate to describe and explain the datives analyzed in letters from students of the same city. The generalizations to be tested are: there is a more frequent use of the clitic variant than the non-clitic variant. The person factor is significant, being the clitic variant favored by the first person in Brazilian Portuguese written. A new hypothesis to be tested is whether modality (oral or written) is a significant factor. This study assumes the theoretical-methodological assumptions of variational sociolinguistics (LABOV [1972], 2008; 1994). The notion of speech community is that of Guy (1988). The results of this study allowed us to confirm the hypotheses tested and thus contribute to broaden our knowledge of written texts produced by students born in the city of Teresina (Piauí).

¹ Pós-Doutora em Teoria da Variação e Mudança pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. franrodriguespessoa@hotmail.com.



KEYWORDS: Dative. Prepositional object. Linguistic variation. Personal letter.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa descrever e analisar, em cartas pessoais, a variação entre as realizações pronominais *clíticas* e *não clíticas* de dativo.

Tradicionalmente o objeto indireto é conceituado como “o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 157), como em (i) “ele deu um livro *a mim*”. Observe que essa definição não inclui as realizações clíticas que complementam os chamados verbos transitivos indiretos, como em (ii) “ele *me* deu um livro”. Quando há clítico, a preposição não se realiza. Para dar conta das ocorrências do tipo (1) e (2), optamos por usar o termo “complemento dativo” e não “objeto indireto”. Segundo Berlinck (1997), o complemento dativo apresenta três possibilidades de realização no português brasileiro: o *clítico*, a *categoria vazia* e *sintagmas preposicionados*. No presente artigo, analisaremos duas realizações: formas *pronominais clíticas* e as formas *pronominais preposicionadas* (preposição + pronome). A “categoria” dativo nulo ficou excluída do levantamento dos nossos dados. A razão para a exclusão decorre da definição formal do que seja dativo nulo. Conforme Cyrino (2000), acompanhando Dillinger et al (1996), “objetos indiretos nulos poderiam ter o estatuto de adjunto ou não” (p.51). O fato de objetos indiretos nulos serem favorecidos em elocuições formais afasta-os dos objetos diretos nulos e “parece sugerir que o objeto direto nulo tem um caráter mais anafórico que o objeto indireto nulo, o que também reforça a ideia de “adjunto” para certos objetos indiretos” (p.52). Ficou também excluído do levantamento dos nossos dados o complemento dativo que se realiza como [preposição+sintagma não pronominal], como em *eu dei o livro ao José*. A justificativa para a não inclusão é que o nosso objeto de estudo é a projeção clítica, e nessa projeção encontramos o clítico e o pronome. Não há sintagma nominal pleno.



O trabalho está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, apresentaremos a fundamentação teórica que embasa a pesquisa (seção 2), a metodologia empregada (seção 3), a análise quantitativa dos dados (seção 4) e as conclusões.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção está organizada em duas subseções. Na primeira, apresentaremos os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista. Na segunda, conceituaremos complemento dativo.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística, com metodologia própria, que estuda fatos da língua em seu contexto social, e que tem como preocupação dar conta da variação linguística que é própria do sistema linguístico (MONTEIRO, 2000; MOLLICA, 2007). Conforme Alkmim (2003, p.21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável”.

Nessa perspectiva, através de Labov, a Sociolinguística passa, então, a ser conhecida como a área da Linguística que estuda a língua, inserida em seu contexto social, levando em consideração os fatores externos e também internos, de modo a capturar a sistematicidade da heterogeneidade linguística. Logo, cabe a essa área de estudo: “Investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2007, p. 11).

Assim, em Sociolinguística:

[u]ma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência (MOLLICA, 2007, p. 11).

Deste modo, as variantes exemplificadas em (a) e (b) formam uma variável, na medida em que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

(1) a. Queria **te** falar como foi a minha experiência (EPaIF3^aS).

b. Eu queria falar na carta **pra você** amanhã na escola... (EPuIM9^aS).

Um fenômeno de variação linguística pode ser considerado como um caso de variação estável ou de mudança em progresso. A variação estável é concebida como a alternância das mesmas formas durante certo período de tempo ou mesmo em séculos. Já a mudança em progresso, segundo Labov (1994), é concebida quando se leva em consideração o fato de que uma variante mais inovadora² ocorra com maior frequência entre os jovens, decrescendo em relação à idade de outros informantes. Conforme veremos, a variável em análise não constitui uma mudança linguística em progresso. Uma análise com base no tempo aparente será apresentada na próxima seção.

A questão dialetológica, na literatura sociolinguística recente, tem ocupado um lugar de destaque, e levado à formulação de novos problemas (MEYERHOFF, 2006). Neste artigo, nossos resultados serão comparados aos de outras localidades brasileiras com o propósito de fornecer subsídios para uma análise dialetológica dos dativos.

A VARIÁVEL EM ANÁLISE

Conforme Berlinck (1996), há três tipos de dativo. No primeiro tipo, o complemento dativo é argumento do verbo. Esse verbo pode ser semanticamente

² Há variante inovadora quando a forma mais recente substitui a forma mais conservadora do repertório linguístico da comunidade.



analisado como de transferência material (dar), transferência verbal (dizer, responder) e perceptual (ensinar) e verbos de movimento físico (levar); verbos de movimento abstrato (submeter) e também verbos que denotam interesse (obedecer) e movimento (chegar), e movimento psicológico (agradar); as construções dativas possessivas ('Eu queimei-lhe os cabelos') e construções 'se lhe' ('Passaram-se lhe todas as informações'). No segundo tipo, o dativo não é um argumento verbal. São os dativos denominados de *commodi* ('O rapaz lhe pôs o livro na estante') e 'se lhe' com verbos intransitivos ('Secaram-se lhe as flores'). No terceiro tipo, o dativo é *unicamente discursivo*, *ethicus* ('Não me chegue tarde'), ocorrendo somente nas primeiras e segundas pessoas. Vale ressaltar que os estudos variacionistas a respeito de dativos normalmente se limitam aos dativos do primeiro tipo e também será este o direcionamento adotado neste artigo.

METODOLOGIA

Para a formação do *corpus* desta pesquisa, utilizamos 360 cartas escritas por estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, extraídas do Banco de Dados do Projeto Escrita Teresinense da Universidade Federal de Minas Gerais (PESSOA, em andamento). De cada série, trabalhamos com amostra de cartas de 120 informantes, sessenta da escola pública e sessenta da escola privada. Esse *corpus* é peculiar porque reúne cartas de cunho pessoal escritas espontaneamente sobre temas de interesse dos alunos, embora redigidas dentro do contexto escolar por crianças e jovens moradores de Teresina e ali nascidos. Estas cartas foram endereçadas, principalmente, a um colega da mesma escola, de um outro turno, com o objetivo de convidá-lo para participar de uma festa ou evento do qual o remetente iria participar. O *corpus* foi coletado no período de junho de 2017 a março de 2018. Tais cartas foram recolhidas pelos professores de língua portuguesa e a mim enviadas para análise. Esse material está sendo digitalizado e transcrito por esta autora, para disponibilização.



A seguir, aparece transcrito um exemplo de uma das cartas do *corpus*. Ressalte-se que foram omitidos os dados de identificação do remetente, tais como: nome, escola e endereço.

(2) Carta

Teresina, 19 de março de 2018./

Meu amigo [.....],/

Como você esta? Bom espero que tudo bem, te escre-/
vo agora para perguntar se você viu o novo filme/
que vai lançar no cinema dia 3 de março? Ao assistir/
o trailer lembrei de você, pois possui muito terro e/
suspense, como eu sei que você gosta, por isso gos-/
taria que me acompanhasse nessa aventura, então teria/
coragem?/

Um beijinho./

[.....]/

P.S: – Qualquer dia desses venha me visitar, estarei esperando.

Conforme o exposto, trata-se de uma carta-bilhete cujo formato se aproxima de carta pessoal por conter não apenas aspectos formais, como local e data, saudação inicial, corpo do texto, despedida, assinatura e “PS” (*Post Scriptum*), mas, principalmente, pelo conteúdo que transmite.

Assim como qualquer carta pessoal, é simples. O gênero é primário, pois se constitui de circunstâncias de *comunicação verbal espontânea*” (BAKHTIN, 1997). O remetente trata o destinatário como um amigo. É uma correspondência:

Entre pessoas que mantém entre si um relacionamento estreito [...]. Trata-se de uma forma de comunicação eminentemente pessoal, distinguindo-se das cartas comerciais, das cartas de propaganda, de



correspondência dirigida a seções de jornais ou revistas etc. (PEREIRA DA SILVA, 1988, p. 24).

Nas cartas do *corpus* analisado existe a expressão de “sentimentos e a intimidade, enquanto tema; e há uma determinada forma: local e data identificados na parte superior do papel, saudação inicial, corpo do texto, despedida na parte inferior, assinatura e possíveis “PSs”” (SOTO, 2007, p. 94).

Feita a identificação do gênero dos textos, passaremos à análise dos enunciados na seção a seguir.

ANÁLISE DOS DADOS

As sentenças (a) e (b) exemplificam as variantes em destaque.

(3) a. Queria **te** falar como foi a minha experiência (EPaIF3^aS).

b. Eu queria falar na carta **pra você** amanhã na escola... (EPuIM9^aS).

Os critérios adotados para a seleção dos dados são: (a) ser clítico dativo; (b) ser um complemento preposicionado substituível por clítico dativo; e (c) não ser substituível por clítico acusativo. Assinale-se que não identificamos o tipo de verbo como um critério e que o critério (a) só é claro quando se trata de clítico de terceira pessoa, mas não de primeira e segunda. Portanto, será necessário sempre flexionar o clítico na terceira pessoa.

(4) Ela **me** obedeceu³.

(5) Ela **te** agradou.

(6) Ela **lhe** entregou.

³ Nos exemplos onde não houver referências entre parênteses significa que são de nossa autoria.

Para desambiguar construções do tipo (4)-(5), o critério (c) é fundamental. Os testes 1 e 2 devem ser aplicados, usando o clítico de terceira pessoa. E somente se o resultado do teste 1 for inaceitável, como em (7), o clítico será identificado como dativo.

(7) Teste 1: *Ela o entregou.

(8) Teste 2: Ela lhe entregou.

Observe-se que o clítico ‘lhe’ é aceitável como acusativo, mas o clítico “o” não ocorre como dativo. Sobre uso de “lhe” acusativo, ver Campos (2010).

Uma vez feita a descrição dos critérios de seleção e análise dos dados, passaremos à descrição das variáveis, codificação e quantificação dos dados, seguindo as diretrizes da Teoria da Variação (LABOV, 1972; 1994).

Para a análise dos dados, identificamos as seguintes variáveis linguísticas independentes: a realização do objeto direto (se era realizado, não realizado ou nada disso), a realização do sujeito (expresso ou nulo), a pessoa (1^a, 2^a ou 3^a), o tipo de verbo (transitivo, inergativo ou inacusativo), a estrutura do DP objeto direto (oracional, não oracional ou nulo) e o tipo de preposição (a, para ou outras). A primeira variante se justifica pela suposição de que objetos nulos (não realizados) desfavoreçam a realização clítica, uma vez que, de acordo com Torres de Moraes e Salles (2010), o português brasileiro possui aplicativo baixo e essa categoria exige a presença de objeto realizado. Além disso, Silveira (2000) sustenta que quando o objeto é não nulo, o clítico é favorecido.

Em relação ao segundo fator, a expectativa é que sujeitos nulos favorecem a forma dativa clítica, uma vez que, na história da língua, a não realização de clíticos acusativos foi um dos fatores que desencadearam o preenchimento de sujeito (TARALLO, 1983; DUARTE, 1993). Segundo Duarte (1993), o Português brasileiro, em meados da década de 1930, deixou de ser uma língua eminentemente de sujeito nulo, passando a ser mais frequente o preenchimento de tal posição. A respeito disso, a



autora afirma: “o que ocorreu com o francês medieval e o que ocorre com o português do Brasil hoje sugerem um período de transição nas duas línguas – de “pro-drop” para não “pro-drop” – sendo os casos de sujeitos nulos meros resíduos de um paradigma que acabou por perder sua riqueza funcional” (DUARTE, 1993, p. 124).

Com relação ao fator pessoa gramatical, a expectativa é que a terceira pessoa desfavoreça a variante clítica, uma vez que não há projeção clítica de dativo quando o traço é de terceira pessoa (MACHADO-ROCHA, 2016). No que diz respeito ao fator tipo de verbo, nossa expectativa é que os verbos inergativos e inacusativos desfavoreçam a variante clítica por não possuírem um sintagma exercendo a função de objeto direto. Quanto ao fator estrutura do DP objeto direto, espera-se que a realização DP oracional favoreça a cliticização, por este grupo conter as orações subordinadas, as mini orações e as ocorrências com os verbos *ser*, *estar* e *parecer*.

Além disso, conforme Fagundes (1997), quando o objeto direto é realizado, o objeto indireto tende a se cliticizar. Já no que tange ao fator tipo de preposição, nos resultados da pesquisa de Gomes (2001), no Rio de Janeiro, e de Nascimento (2007), nas comunidades rurais de Goiás, a preposição *para* foi mais frequente do que a preposição *a*. Tal substituição, conforme Calindro (2016), teria levado a que os complementos dativos se tornassem oblíquos, eliminando as realizações clíticas de dativo. Assim, nossa expectativa é que em dialetos em que a variante *para* é favorecida, a variante clítica não deverá ocorrer ou se ocorrer será um percentual muito baixo.

Já as variáveis extralinguísticas testadas foram: o grupo social (escola pública ou escola particular), o sexo (masculino ou feminino), a escolaridade (5º, 9º ou 3º ano) e a idade do missivista. O fator grupo social foi testado para averiguarmos qual dos tipos de escola favorece a variante clítica. No que diz respeito ao fator sexo, o mesmo foi adotado por ter sido objeto de estudo constante no campo da sociolinguística, sobretudo nos trabalhos de Labov ([1972]; 2008). Dessa maneira, nossa expectativa é que este fator seja selecionado pelo Goldvarb 2001. Quanto ao fator escolaridade, a suposição é que quanto maior a escolaridade, maior a frequência de clíticos, adotando como hipótese que “a escola é um meio que municia o indivíduo com a habilidade de usar o

clítico, e esse fator, associado à idade, é relevante na realização de sua variante” (DUARTE 1989, p. 29). Já com relação ao fator idade, a expectativa é que os menos jovens favoreçam a variante clítica, uma vez que o uso de clíticos é uma marca da língua escrita e os menos jovens, por hipótese, teriam mais contato com a escrita.

O programa Goldvarb 2001 foi a ferramenta estatística de tratamento dos dados. Vale dizer que, conforme Scherre e Naro (2007, p.176), a estatística “nos abre novos horizontes de entendimento porque aumenta nossas capacidades de analisar o uso linguístico”. A Tabela 1, a seguir, mostra a frequência global das variantes no *corpus* pesquisado.

Tabela 1 - Distribuição das variantes pronominais no *corpus*

Variante	Número de ocorrências	Percentual (%)
Clíticas	159	85.5
Não clíticas	27	14.5
Total	186	100

Fonte: Elaboração da autora.

Com base nos resultados da Tabela 1, constatamos que os informantes utilizaram bem mais o dativo com a variante clítica, o que corresponde a um percentual de 85.5% das ocorrências. Estes resultados, se comparados aos de pesquisa anteriores sobre dativo em língua escrita, permitem verificar que o clítico dativo é frequente nas correspondências espontâneas. Nascimento (1999) e Freire (2005) encontraram respectivamente 72,6% e 26% de clíticos. O primeiro, em amostra formada por 82 cartas pessoais de alunos, nascidos em Maceió (AL), de 1º grau (7ª e 8ª séries) e de 2º grau (1º ano) pertencentes a uma escola da rede particular de ensino e com 12 a 20 anos de idade. O segundo, em textos de jornais e de histórias em quadrinhos de gibis, comercializadas no Rio de Janeiro entre os anos de 1995 e 2004. Os exemplos a seguir ilustram a Tabela 1.

(9) Queria **te** falar como foi a minha experiência (EPaIF3ªS).

(10) Eu queria falar na carta **pra você** amanhã na escola... (EPuIM9ªS).

A Tabela 2, a seguir, apresenta o fator realização do objeto direto.

Tabela 2 - Distribuição das variantes conforme a realização do objeto direto

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Realizado	129/153	84.3	24/153	15.7
Não realizado	3/4	75	1/4	25
Nada disso	27/29	93.1	2/29	6.9

Fonte: Elaboração da autora.

Esta tabela mostra que nossa expectativa foi confirmada. Esperávamos, com base nos resultados de Torres de Moraes e Salles (2010) e de Silveira (2000), que os objetos nulos desfavorecessem a realização clítica.

Vejam, respectivamente, os exemplos a seguir:

(11) Já **te** dando um spoiler... (EPaIF3^aS)

(12) Sei que tu também tem \emptyset pra **me** contar. (EPaIF9^a)

(13) O que eu queria falar na carta **pra você** amanhã na escola... (EPuIM9^aS)

Quanto ao fator realização do sujeito, vejam-se, a seguir, exemplos de variantes clíticas (14) e não clíticas (15) com, respectivamente, sujeitos expressos e com sujeitos nulos.

(14) *Você* já **me** disse, não tem preparação psicológica para mais um ano de estudo. (EPaIM3^aS).

(15) \emptyset Pedi **a ela** para que repetíssemos nossas férias. (EPaIF5^aS).

Tabela 3 - Distribuição das variantes conforme a realização do sujeito

	Clítico		Não Clítico		P.R. ⁴
	Nº	%	Nº	%	
Expresso	59/72	81.9	13/72	18.1	.70
Nulo	100/144	87.7	14/144	12.3	.36

⁴Ressalte-se que todos os pesos relativos expostos nas tabelas deste artigo se referem aos dativos não clíticos.

Fonte: Elaboração da autora. Fonte: Input 0.057 Loglikelihood = 51.585 Significance = 0.472

No que diz respeito ao favorecimento do sujeito nulo em relação ao sujeito expreso, os resultados são consistentes. Pôde-se ver que tanto em termos de percentual (87.7%) quanto de peso relativo (.63), o sujeito nulo foi mais significativo do que o sujeito expreso. Logo, isso demonstra que nossa expectativa foi confirmada.

Vejam agora a discussão sobre o fator pessoa. Segundo Machado-Rocha (2016), a primeira pessoa do discurso recebe o traço [+autor], a segunda pessoa recebe o traço [-autor] e a terceira pessoa não recebe nenhum dos dois traços, ou seja, não há projeção clítica de dativo quando o traço é de terceira pessoa. Feita a quantificação dos dados, constatou-se que havia ocorrências de clíticos de 3ª pessoa no *corpus* em estudo. Assim, confirma-se, nessa amostra, a tendência de não realização de clítico de 3ª pessoa já documentada em vários estudos quantitativos sobre o Português brasileiro tanto na modalidade oral (TARALLO (1983), DUARTE (1989), GOMES (2001)) quanto na modalidade escrita (NASCIMENTO (1999), FREIRE, (2005)). Os exemplos que se seguem ilustram, respectivamente, a Tabela 4:

(16) Como você já **me** disse, não tem preparação psicológica para mais um ano de estudo (EPaIM3ªS).

(17) Deixa eu **te** falar sobre um show que vai ter aqui em Teresina... (EPaIF9ªS)

(18) Ele falou **para ela** esquecer o que houve... (EPuIF3ªS)

Vejam os resultados na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4 - Distribuição das variantes conforme a pessoa

	Clítico		Não Clítico		P.R. ⁵
	Nº	%	Nº	%	
1ª Pessoa	87/88	98.9	1/88	1.1	.10
2ª Pessoa	71/90	78.9	19/90	21.1	.84
3ª Pessoa	1/8	12.5	7/8	87.5	.99

Fonte: Elaboração da Autora. Input = 0.057 Log likelihood = -51.5 Significance = 0.472

⁵Ressalte-se que todos os pesos relativos expostos nas tabelas deste artigo referem-se aos dativos não clíticos.

A Tabela 4, em análise, nos permite evidenciar que existe uma significativa diferença entre a 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A realização de clítico de 1ª pessoa obteve o percentual de 98.9%, o que representa uma diferença de vinte pontos percentuais a mais em relação aos de 2ª pessoa. A 3ª pessoa tem menor percentual de ocorrência (12.5%) e peso relativo (.01). Nessa perspectiva, o fato de encontrarmos uma ocorrência de dativo clítico de terceira pessoa constitui uma indicação de que estamos diante de um resíduo histórico, o que pode não levar a descartar a hipótese de Machado-Rocha (2016). Além disso, vale destacar também que os resultados desta tabela coincidem com os resultados de outros estudos quantitativos sobre o Português brasileiro na modalidade oral, conforme Berlink (1997), Gomes (2001) e Pessoa (2017).

A seguir, passaremos à discussão sobre o fator tipo de verbo (Tabela 5).

Tabela 5 -Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Transitivos	131/153	85.6	22/153	14.4
Inergativo	18/22	81.8	4/22	18.2
Inacusativo	10/11	90.9	1/11	9.1

Fonte: Elaboração da Autora.

Os dados contrariam a nossa expectativa. Eles mostram que o percentual do verbo inacusativo favorece levemente a variante com clítico, o que, certamente, se deve ao gênero carta pessoal. O exemplo a seguir ilustra o verbo inacusativo.

(19) Ele *apareceu pra eles...* (EPuIM5ªS)

O quinto fator testado no *corpus* em análise é a estrutura do DP objeto direto. Os resultados podem ser vistos na Tabela 6 a seguir:

Tabela 6 - Distribuição das variantes conforme a estrutura do DP objeto direto

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
DP oracional	28/35	80	7/35	20
DP não oracional	126/145	86.9	19/145	13.1
DP nulo	5/6	83.3	1/6	16.7

Fonte: Elaboração da Autora.

Por meio desta tabela, podemos observar que o DP não oracional favorece a cliticização. Logo, isso contraria a nossa expectativa, pois esperávamos que a realização do DP oracional favorecesse a cliticização. Segundo Fagundes (1997), quando o objeto direto é realizado o objeto indireto tende a se cliticizar. Os exemplos, a seguir, ilustram, respectivamente, a tabela 6 em análise.

(20) Quero falar **para você** [*que tenho um filme para nós assisti*] (EPaIM9^aS)

(21) Não vou **te** dar *spoiler*... (EPaIF9^aS)

(22) Sei que tu também tem \emptyset pra **me** contar. (EPaIF9^a)

Outro fator analisado nesta pesquisa é o tipo de preposição. Fizemos um recorte no *corpus* e reunimos apenas as ocorrências preposicionadas. Dessa forma, excluindo as variantes clíticas, analisamos, nesta etapa da pesquisa, um total de vinte e sete ocorrências. Nossos resultados aparecem na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Distribuição das variantes conforme o tipo de preposição

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
A	4	15		
Para	18	67		
Outras	5	18		
Total	27	100		

Fonte: Elaboração da Autora.

Como podemos ver, a preposição *para* é a preferida, o que aproxima o dialeto teresinense de outros dialetos brasileiros investigados, tais como: Gomes (2001; 2003), Nascimento (2007), Calindro (2016). Contrariando nossa expectativa, o fato de a preposição “para” superar as demais não foi suficiente para desfavorecer a variante clítica quando comparada à variante preposicionada em construções dativas. Vejamos os exemplos:

(23) Dedico *a* você... (EPaIF9^aS).

(24) Ele falou *para ela* esquecer o que houve... (EPuIF3^aS).

(25) Ele cuida *de mim*... (EPaIF5^aS).

Continuando à análise discursiva dos textos escritos, passaremos aos fatores externos. Vejamos inicialmente o fator grupo social. A Tabela 8, a seguir, mostra os resultados.

Tabela 8 - Distribuição das variantes conforme o grupo social do informante

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Grupo não privilegiado	64/79	81	15/79	19
Grupo privilegiado	95/107	88.8	12/107	11.2

Fonte: Elaboração da Autora.

Os dados confirmam que o grupo social privilegiado é o que mais favorece a variante clítica (escola particular), obteve 88,8% das ocorrências. Veja-se que aqui a distinção se manifesta na língua escrita e que a presença de clíticos se apresenta nos dois grupos sociais.

A seguir, apresentaremos os resultados do fator sexo.

Tabela 9 - Distribuição das variantes conforme o sexo do missivista

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Masculino	55/63	87.3	8/63	12.7
Feminino	104/123	84.6	19/123	15.4

Fonte: Elaboração da Autora.

Os dados nos mostram que, embora constatem maior frequência de uso de clíticos no grupo de homens, esse fator não foi selecionado pelo Programa Goldvarb. Dessa forma, nossa expectativa não foi confirmada. Entretanto, vale mencionar que tal resultado é importante por não ser muito recorrente, nos estudos sociolinguísticos, a predominância no uso de clíticos dativos na fala dos homens.

A escolaridade foi o antepenúltimo fator testado (Tabela 10).

Tabela 10 - Distribuição das variantes conforme a escolaridade do informante

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
5ª Série	30/37	81.1	7/37	18.9
9ª Série	74/85	87.1	11/85	12.9
3º Ano	55/64	85.9	9/64	14.1

Fonte: Elaboração da Autora.

A hipótese de que quanto maior a escolaridade, maior a frequência de clíticos não foi confirmada neste estudo. Veja-se que, embora o quinto ano do Ensino Fundamental Menor tenha obtido um percentual mais baixo, o nono ano do Ensino Fundamental Maior atingiu um percentual mais elevado que o terceiro ano do Ensino Médio. Entretanto, veja-se que esse fator não foi selecionado pelo Programa Goldvarb. A não seleção nos leva a rever a hipótese de que clíticos são aprendidos na escola para descrever a situação do Português brasileiro no que se refere aos clíticos de primeira e de segunda pessoas.

Por fim, o fator idade. Vejamos a Tabela 11, a seguir, com as probabilidades de ocorrência deste fator.

Tabela 11 - Distribuição das variantes conforme a idade do informante

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
9/12 anos	30/37	81.1	7/37	18.9
14/16 anos	74/85	87.1	11/85	12.9
17/20 anos	55/64	85.9	9/64	14.1

Fonte: Elaboração da Autora.

De acordo com a Tabela 11, podemos verificar que a faixa etária de 14/16 anos de idade foi a que mais empregou o clítico dativo. Em termos percentuais, sugere mudança em progresso na diminuição no uso de clítico, embora a distância etária entre a primeira e a última faixa seja bem próxima. Este fator, entretanto, não foi selecionado pelo Goldvarb, o que enfraquece a hipótese.

CONCLUSÕES

No presente artigo procuramos descrever e analisar, nas cartas de Estudantes Teresinenses, a variação de uso das realizações pronominais clíticas e não clíticas de dativo, o que permitiu identificar certos aspectos relacionados às ocorrências dessas variantes, com o propósito de fazermos um mapeamento geral dos resultados, buscando explicitar correlações entre estrutura linguística e estrutura social.

Diante desses resultados, percebemos que, embora haja, no *corpus* em análise, maior número de ocorrências de *clítico*, estão ocorrendo variações nas realizações de dativo nas Cartas de Estudantes Teresinenses.

A realização de clítico de primeira pessoa alcançou um percentual maior que as demais pessoas. Assim, embora a frequência de clíticos dativos na escrita seja menor



nas demais pessoas, notamos que o uso de “lhe” nas cartas quase supera as demais variantes. Isso mostra que, para estudantes teresinenses, o clítico “lhe” faz parte do gênero carta tanto na segunda quanto ainda na terceira pessoa.

No que tange ao fator tipo de sujeito, os resultados revelam que o sujeito nulo foi mais significativo do que o sujeito expreso. Logo, isso demonstra que nossa expectativa foi confirmada.

Os demais fatores testados, não foram significativos. Entretanto, nem por isso foram pouco relevantes na medida em que permitiram testar generalizações obtidas em outras pesquisas: os fatores idade e escolaridade são ortogonais, ou seja, os números e percentuais são idênticos. Isso enfraquece a interpretação de mudança em progresso tal como em Pessoa (2017).

Quantificamos também as ocorrências de preposições introdutoras de complementos dativos. A preposição *para* predominou em detrimento das demais aqui investigadas, alcançando um percentual de 67%, bem próximo aos encontrados em outros estudos sobre o português brasileiro (GOMES, 2001; NASCIMENTO, 2007; CALINDRO, 2016).

Em relação a Teresina (PI), a variação em análise revelou que os clíticos dativos de 1ª e de 2ª pessoas ainda são produtivos naquela comunidade, mas não o de 3ª pessoa. Revelou também que o dialeto teresinense escrito não é atípico em relação aos outros dialetos brasileiros no que se refere ao fenômeno morfossintático estudado.

Portanto, embora as conclusões desta pesquisa não tragam respostas para todas as indagações propostas sobre dativo, esperamos que os resultados obtidos possam contribuir para o conhecimento da língua portuguesa escrita em Teresina (PI), no que diz respeito a estudos na interface sintaxe-variação.



REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.v. 1.p.21-47.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BERLINCK, R. A. "The Portuguese Dative". In: VAN BELLE, W. & VAN LANGENDONCK, W. **The Dative**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. (DescriptiveStudies, 1). p. 119-151.
- _____. R. A. (1997). Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. Comunicação apresentada no II Encontro do Círculo Linguístico do Sul-CelSul, **anais**, 10-11 abr. 1997, Florianópolis.
- CALINDRO, A. R. V. **Introduzindo argumentos: uma proposta para as sentenças ditransitivas do português brasileiro**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2016.207 p.
- CAMPOS, E. A. **O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.135 p.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). Gramática do português falado. v.VII. **Novos estudos**. Campinas:Humanitas/ UNICAMP, 2000. p. 595-625.
- DILLINGER, M.; GALVES, C.; PAGOTTO, E.; CERQUEIRA, V. (1996) Padrões de complementação no português falado.v. 5. **Convergências**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, v. 1. p. 277-327.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARRALO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.
- _____, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Unicamp, 1993. p. 107-128.
- FAGUNDES, E. D. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do sul do Brasil:clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento**. Dissertação (Mestrado) – UFPR, Curitiba, 1997.
- FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana**. Tese (Doutorado em língua portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. 204 p.



GOMES, C. A. Encaixamento linguístico de processos sintáticos do português brasileiro. **Lusograma**, Frankfurt AM Main, v. 47-48, 2001. p. 106-21.

_____, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p. 81-96.

GUY, Gregory R. (s/d) – “Varbrul: análise avançada”. Tradução de Ana Zilles para o texto originalmente publicado em Ferrara, K. et al. (Ed.). **Linguisticchangeandcontact**. Austin: University of Texas, 1988.

_____, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p. 81-96.

LABOV, W. **Sociolinguisticpatterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____, W. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____, W. **Principles of linguistic change: Social factors**. v. 2. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

_____, W. [1972]. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____, W. **Principles of Linguistic change, volume III: Cognitive and Cultural Factors**. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

MACHADO-ROCHA, R. **O redobro de clítico no português brasileiro dialetal**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2016.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. London/New Jork: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C. e BRAGA, M.L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, M. E. P. do. O uso do pronome lhe como acusativo e como dativo em textos informais. In: MOURA, D. (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Alagoas, Maceió: UFAL, 1999. p. 364-368.

NASCIMENTO, A. M. **A variação na expressão do dativo em variedades linguísticas rurais goianas**. Dissertação (Mestrado) – UFG, Goiânia, 2007.

PERREIRA DA SILVA, V. L. **Cartas cariocas**. A variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

PESSOA, F. C. R. **Escrita teresinense**. Belo Horizonte.(Em andamento).



_____, F. C. R. **As realizações de dativo no português falado em Teresina (PI):** uma análise variacionista. Tese (Doutorado) – Belo Horizonte: UFMG, 2017.

ROBINSIN, J; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. (2010). **Goldvarb 2001**. Departamento of Language and Linguistic Science University of York. Disponível em: <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

SILVEIRA, G. A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. v. 35, n. 1, p. 189-208.

SOTO, U. **Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira**. Niteroi: EdUFF, 2007.

TARALLO, F. L. **Relativization strategies in Brazilian portuguese**. Thesis (PHD) – University of Pennsylvania, 1983.

TORRES DE MORAIS, M. A.; SALLES, H. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. **Probus**, v. 22, p.181-209, 2010.

Recebido Para Publicação em 29 de dezembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 10 de março de 2020.